



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

RIVALDO RIBEIRO DE ALMEIDA

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROFETAS NAS
RELIGIÕES SEMÍTICAS E O PROFÉTICO
NEOPENTECOSTAL POPULAR BRASILEIRO**

**JOÃO PESSOA/PB
2026**

RIVALDO RIBEIRO DE ALMEIDA

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROFETAS NAS
RELIGIÕES SEMÍTICAS E O PROFÉTICO
NEOPENTECOSTAL POPULAR BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de Ciências das
Religiões da Universidade Federal da Paraíba
como requisito complementar para obtenção do
título de Licenciatura em Ciências das
Religiões, sob orientação da professora Dra.
Maria Lucia Abaurre Gnerre.

**JOÃO PESSOA/PB
2026**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447a Almeida, Rivaldo Ribeiro de.

Análise comparativa dos profetas nas religiões
semíticas e o profético neopentecostal popular
brasileiro / Rivaldo Ribeiro de Almeida. - João Pessoa,
2026.

21 f. : il.

Orientação: Maria Lucia Abaurre Gnerre.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Ciências das Religiões. 2. Profeta. 3. Religiões
semíticas. 4. Neopentecostalismo. 5. Mercado religioso.
I. Abaurre Gnerre, Maria Lucia. II. Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)

RIVALDO RIBEIRO DE ALMEIDA

ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROFETAS NAS RELIGIÕES SEMÍTICAS E O PROFÉTICO NEO- PENTECOSTAL BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____
Profª. Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre
(Orientador)

Assinatura: _____
Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza
(Universidade Federal da Paraíba)

Assinatura: _____
Profª. Dra. Fernanda Lemos
(Universidade Federal da Paraíba)

João Pessoa/PB, 20 de março de 2026.

RESUMO

O presente trabalho investiga as ressignificações do fenômeno profético, partindo de suas raízes históricas, sociológicas e teológicas nas tradições semíticas (Judaísmo, Cristianismo primitivo e Islamismo) até alcançar suas manifestações contemporâneas no atual cenário religioso brasileiro, especificamente no que chamo de “neopentecostalismo popular”. Este trabalho utiliza como fio condutor e estudo de caso a trajetória de Miguel Oliveira, adolescente autointitulado profeta que ganhou notoriedade nacional através das redes sociais. A pesquisa analisa como a compreensão do profeta — enquanto intermediário divino focado na ética, na Lei e na denúncia de injustiças — contrasta radicalmente com a performance profética moderna, caracterizada pelo pragmatismo, espetacularização, uso intensivo de tecnologias digitais e forte apelo financeiro. Através de revisão bibliográfica, fundamentada em autores como F.E. Peters, Leonildo Silveira Campos, Silas Guerriero e Élcio Bernardino Correia, e análise discursiva de material midiático, reportagens e conteúdo da internet, demonstra-se que o profetismo popular neopentecostal exemplifica uma ressignificação onde a legitimação teológica cede lugar à validação algorítmica. O conflito resultante entre instituições tradicionais, órgãos de proteção à infância e o mercado da fé digital expõe as tensões de um Brasil onde o sagrado se entrelaça com o entretenimento e a lógica de consumo.

Palavras-chave: Ciências das Religiões. Profeta. Religiões Semíticas. Neopentecostalismo. Mercado Religioso.

ABSTRACT

This study investigates the resignification of the prophetic phenomenon, starting from its historical and theological roots in the Semites traditions (Judaism, Early Christianity, and Islam) to its contemporary manifestations in the Brazilian religious scenario, specifically within popular Neo-Pentecostalism. The research uses the trajectory of Miguel Oliveira, a self-styled teenage prophet who gained national notoriety through social media, as a guiding thread and case study. It analyzes how the understanding of the prophet — as a divine intermediary focused on ethics, Law, and the denunciation of injustice — contrasts radically with modern prophetic performance, characterized by pragmatism, spectacularization, intensive use of digital technologies, and strong financial appeal. Through a bibliographic review, grounded in authors such as F.E. Peters, Leonildo Silveira Campos, Silas Guerriero, and Élcio Bernardino Correia, and discursive analysis of media material, it is demonstrated that Miguel Oliveira's prophetism exemplifies a resignification where theological legitimation gives way to algorithmic validation. The resulting conflict between traditional institutions, child protection agencies, and the digital faith market exposes the tensions of a Brazil where the sacred intertwines with entertainment and consumption logic.

Keywords: Religious studies. Prophet. Abrahamic Religions. Neo-Pentecostalism. Religious Market.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
2. O FENÔMENO PROFÉTICO NAS RELIGIÕES SEMÍTICAS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS.....	9
2.1 O profeta no judaísmo.....	9
2.2. O profeta no cristianismo tradicional.....	10
2.3. O profeta no islamismo.....	11
2.4 Análise comparativa: quadro sinótico	11
3. PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL.....	12
3.1. As três ondas pentecostais no Brasil	12
3.2. Neopentecostalismo e Cristianismo Popular: definição e características	13
3.3. Fatores sociológicos do crescimento neopentecostal.....	14
3.4. Profecia e mercado religioso.....	14
4. O CASO MIGUEL OLIVEIRA: PROFECIA, MÍDIA E CONTROVÉRSIA	15
4.1. Quem é Miguel Oliveira?.....	15
4.2. Práticas e discurso de Miguel Oliveira	15
4.3. Reações e controvérsias	16
4.4. Miguel Oliveira e a nova profecia digital	16
5. ANÁLISE COMPARATIVA: TRADIÇÃO PROFÉTICA CLÁSSICA VS. PROFETISMO POPULAR CONTEMPORÂNEO	17
5.1. Legitimação, autoridade e conteúdo da mensagem	17
5.2. Função, propósito e relação com poder e dinheiro	17
5.3. Regulação e controle.....	17
6. IMPACTOS E DESAFIOS DA RESSIGNIFICAÇÃO PROFÉTICA NO BRASIL	18
6.1. Impactos na cultura religiosa brasileira	18
6.2. Desafios teológicos, pastorais, sociais e jurídicos	18
6.3. Era digital e futuro do fenômeno profético	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

No início de 2025, as redes sociais brasileiras foram inundadas por vídeos de um adolescente de apenas 14 anos (na época), vestido formalmente, pregando com uma eloquência agressiva e realizando atos performáticos de cura. Miguel Oliveira, autointitulado profeta, não estava em uma catedral histórica ou em um grande centro de peregrinação, mas nas telas de smartphones de milhões de brasileiros, transmitindo seus cultos ao vivo, trazendo mensagens de prosperidade financeira e curas para algumas doenças. Sua ascensão meteórica e a subsequente intervenção do Conselho Tutelar tornaram-se o epicentro de um debate nacional que transcende a esfera religiosa, tocando em questões jurídicas, sociais e midiáticas.

O caso em questão não é um evento isolado, mas um sintoma agudo de uma transformação profunda no cenário religioso neopentecostal brasileiro. O fenômeno profético, historicamente uma das espinhas dorsais das tradições semíticas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo —, tem passado por um processo radical de ressignificação no Brasil contemporâneo. Se, em suas matrizes, a figura do profeta atuava como o elo de comunicação entre o divino e o humano, assumindo papéis de legislador, líder moral e denunciante de injustiças, no neopentecostalismo popular brasileiro essa figura emerge ressignificada pelo pragmatismo do mercado e pela lógica do algoritmo.

Observa-se um distanciamento progressivo da teologia e das correntes denominacionais tradicionais. Novas figuras religiosas, como Miguel, emergem diretamente do seio popular, sem formação teológica formal ou legitimação institucional prévia, validando sua autoridade através da audiência digital e da promessa de resultados através da fé. Esses novos indivíduos mesclam elementos do sincretismo, resquícios de matrizes religiosas diversas e um forte apelo ao pragmatismo, utilizando a tecnologia como principal púlpito e ferramenta de legitimação.

Diante desse contexto, o presente trabalho levanta o seguinte problema de pesquisa: como o papel do profeta é compreendido no Judaísmo, Islamismo e Cristianismo, e de que forma essas compreensões originais contrastam e influenciam as variadas crenças e práticas proféticas dentro do cristianismo popular brasileiro neopentecostal atual?

Para responder a este questionamento, o objetivo geral deste trabalho é analisar o papel e as funções do profeta nas três religiões semíticas, estabelecendo uma análise comparativa com a concepção de profeta presente no neopentecostalismo popular contemporâneo no Brasil. Os objetivos específicos desdobram-se em: (a) descrever de forma introdutória a figura do profeta no Judaísmo, Islamismo e Cristianismo tradicional; (b) investigar o entendimento das igrejas

cristãs tradicionais sobre o dom e ofício profético; (c) analisar a interpretação neopentecostal e popular desse fenômeno; (d) comparar as divergências entre a visão teológica/histórica e a prática popular/midiática; e (e) refletir sobre os impactos dessas ressignificações na cultura religiosa nacional.

A justificativa reside na urgência de compreender as dinâmicas do campo religioso brasileiro. O choque entre a tradição teológica, exemplificado pelas críticas de líderes como Silas Malafaia ao "profeta mirim", e a regulação social do Estado, materializada na ação do Conselho Tutelar, revela as tensões de uma sociedade onde a fé não está mais confinada ao templo, mas disputa espaço na "timeline" e nas redes sociais.

Na metodologia, este trabalho apoia-se em revisão bibliográfica e em análise descritiva de material midiático — vídeos, reportagens e publicações em redes sociais. O tratamento desse material segue uma perspectiva discursiva: busca-se identificar os enunciados, as condições de produção e as estratégias retóricas presentes nos discursos religiosos analisados, articulando-os com o contexto sociorreligioso mais amplo. Vale ressaltar que, no âmbito das Ciências das Religiões, este estudo não tem a pretensão de avaliar, corrigir ou normatizar formas messiânicas ou proféticas de expressão religiosa. O objetivo é estritamente analítico e acadêmico: compreender essas manifestações como fenômenos históricos, sociais e discursivos, sem emitir juízo de valor sobre sua legitimidade teológica.

Este trabalho está estruturado em capítulos que seguem uma progressão analítica: o fenômeno profético nas tradições semíticas; o desenvolvimento do pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil; o estudo de caso de Miguel Oliveira; a análise comparativa entre o modelo profético clássico e o popular contemporâneo; e, por fim, os impactos culturais, teológicos e sociais dessa ressignificação.

2. O FENÔMENO PROFÉTICO NAS RELIGIÕES SEMÍTICAS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS

Este capítulo apresenta uma discussão sobre o fenômeno profético nas religiões semíticas, com o objetivo de compreender suas bases históricas e teológicas. Para isso, são analisadas as concepções de profeta presentes no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo, destacando suas funções, características e formas de legitimação dentro de cada tradição religiosa. Antes de iniciar a análise de cada tradição, é necessário esclarecer os conceitos que serão utilizados neste trabalho: adota-se o termo "Judaísmo" para a tradição religiosa hebraica pós-exílica até a contemporaneidade; "Cristianismo" ou "Cristianismo tradicional/histórico" para as formas institucionalizadas do Ocidente cristão (protestantismo histórico e catolicismo); e "neopentecostalismo" para a terceira onda do movimento pentecostal brasileiro — conceito cuja adoção é justificada na seção 3.2. A partir da abordagem comparativa, busca-se identificar elementos comuns e diferenças estruturais entre essas tradições, oferecendo o referencial teórico para a análise proposta neste trabalho.

As religiões semíticas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — compartilham uma herança comum que remonta à figura do patriarca Abraão. Um dos elementos centrais dessa herança é a crença na revelação divina transmitida por meio de intermediários humanos escolhidos: os profetas. Entretanto, embora o conceito de profecia esteja presente nas três tradições, a natureza, a função e o status do profeta variam significativamente em cada uma delas. Tomando como base a análise comparativa apresentada por Peters (2007), este capítulo busca delinear as características fundamentais do profetismo nas tradições semíticas.

2.1 O profeta no judaísmo

Na tradição judaica, a profecia (nevuah) não é meramente a previsão do futuro, mas um canal de comunicação direta da vontade de Deus para o seu povo, Israel. A figura central e insuperável do profetismo judaico é Moisés. Diferente de outros profetas que receberam visões ou sonhos, a tradição afirma que Moisés falou com Deus "face a face". Ele é, primariamente, o legislador, o mediador da Aliança do Sinai e aquele que entregou a Torá (Lei) ao povo.

É fundamental compreender que, no judaísmo, a dimensão profética possui um caráter essencialmente retrospectivo: o profeta não anuncia algo inédito, mas relembra e atualiza a Aliança já estabelecida entre Deus e Israel. Sua mensagem parte sempre do passado sagrado — o Êxodo, a Lei do Sinai, o pacto com os patriarcas — para interpelar o presente. O profeta é, antes de tudo, um guardião da memória coletiva e da fidelidade ao pacto originário. Essa ancoragem no passado é o critério de autenticidade da profecia: uma mensagem que contradiga a Torá já revelada é, por definição, falsa.

Após Moisés, a tradição hebraica reconhece uma sucessão de profetas (Nevi'im), divididos entre Profetas Anteriores (como Josué, Juízes, Samuel e Reis) e Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze menores). A função primordial desses homens não era realizar milagres de entretenimento, mas atuar como "cães de guarda" da Aliança. Eles surgiam em momentos de crise moral, idolatria ou injustiça social para chamar o povo e os reis ao arrependimento (teshuvá) e ao retorno à obediência da Torá.

A esse respeito Cocksworth (2004, p. 78-79) enfatiza:

a atribuição do caráter de pessoa aos atributos de Deus tinha como finalidade conferir simplesmente uma forma destinada a facilitar a compreensão da ação de Deus. Personificando a presença e a atividade de Deus, a tradição judaica podia descrevê-la de modo mais completo e mais preciso. A fé judaica acreditava que Deus era uma pessoa. Portanto, seu modo de se relacionar com seu povo tinha de ser expresso em termos de pessoa humana.

Peters (2007) observa que, para o Judaísmo, a era da profecia clássica teve um fim definido. Com o retorno do exílio babilônico e o início do período do Segundo Templo, a "voz viva" da profecia cessou, sendo substituída pela interpretação sábia da Lei pelos escribas e rabinos. A profecia tornou-se, assim, um fenômeno canonizado, encerrado no passado sagrado, servindo como guia moral perene, mas não como uma fonte contínua de nova revelação normativa.

2.2. O profeta no cristianismo

O Cristianismo nasce do ventre do Judaísmo e herda suas escrituras e profetas. No entanto, opera uma transformação radical na compreensão da profecia ao centralizá-la na pessoa de Jesus de Nazaré. Inicialmente reconhecido por seus seguidores como "um profeta poderoso em obras e palavras", Jesus é rapidamente reconfigurado pela teologia cristã primitiva, especialmente através dos escritos de Paulo de Tarso e do Evangelho de João na Bíblia Sagrada.

Para o Cristianismo clássico, Jesus não é apenas mais um profeta na longa linha de sucessão hebraica; ele é o cumprimento de todas as profecias, o Messias (Cristo) e, fundamentalmente, o Filho de Deus encarnado. Essa divindade de Jesus cria uma ruptura com o Judaísmo e o Islamismo. Enquanto os profetas anteriores eram mensageiros que apontavam para Deus, Jesus é apresentado como o próprio Deus comunicando-se na carne. Ele é, ao mesmo tempo, o Profeta e a Mensagem.

No Cristianismo, portanto, as profecias dos profetas do Antigo Testamento são compreendidas como já tendo se cumprido em Jesus Cristo. A função profética deixa de apontar para um futuro evento ainda por acontecer e passa a ter o sentido da constante afirmação e realização do Messias já vindo. A dimensão profética cristã vive, assim, em permanente tensão entre o "já" e o "ainda não": o Messias já veio (cumprimento das profecias), mas sua obra plena ainda se manifesta e se confirma na história (a Igreja como corpo de Cristo, os dons do Espírito). É nesse sentido que o dom de profecia, nas comunidades paulinas, não é uma predição do futuro, mas uma proclamação do senhorio de Cristo no presente, orientada à edificação da comunidade.

Além da figura de Jesus, o Cristianismo primitivo reconhecia o "dom de profecia" como um carisma do Espírito Santo distribuído à comunidade de fiéis. Nas epístolas paulinas, a profecia é descrita como um dom para "edificação, exortação e consolação" da igreja (1 Coríntios 14:3). Contudo, com a institucionalização da Igreja e o fechamento do cânon bíblico, o ofício profético livre e carismático foi gradativamente absorvido pela hierarquia eclesiástica ou marginalizado, sob o temor de que novas revelações pudessem ameaçar a doutrina estabelecida. Assim Peters (2007, p. 79), afirma que

a separação entre o Jesus histórico, o homem de Nazaré, e o Cristo da história, o objeto da fé e adoração cristãs, é obra da crítica histórica dos séculos XIX-XX. A crença tradicional sustentou desde o começo que os dois eram idênticos, que o mesmo indivíduo era, nos termos de Paulo, "Jesus Cristo". Para Paulo, o título Cristo [...] já é parte do nome de Jesus: Jesus é o Cristo e o Cristo é Jesus. Os autores dos evangelhos certamente pensavam o mesmo, embora talvez não tão insistentemente como Paulo, teologicamente mais orientado.

A reflexão apresentada por Peters evidencia que a compreensão cristã de Jesus como o Cristo constitui um dos elementos centrais da teologia cristã e marca uma ruptura significativa em relação às demais tradições semíticas. Enquanto o Cristianismo desenvolve uma interpretação que identifica Jesus simultaneamente como profeta, Messias e Filho de Deus, outras tradições monoteístas mantêm leituras distintas acerca de sua identidade e função religiosa.

2.3. O profeta no islamismo

O Islamismo reafirma a estrutura profética, considerando-a essencial para a orientação da humanidade. Desde Adão, passando por Noé, Abraão, Moisés e Jesus (Isa), Deus enviou mensageiros para cada nação com a mesma mensagem fundamental: o monoteísmo puro (Tawhid) e a submissão (Islam) à vontade divina, conforme observa Armstrong (2001, p. 35).

É importante notar que o Islã, tal como o Judaísmo, possui um forte lastro no passado: toda a cadeia de profetas predecessores é reconhecida e integrada à narrativa islâmica. Contudo, o Islã apresenta uma peculiaridade relevante: ele aceita Jesus (Isa) como um profeta autêntico — nascido de uma virgem e realizador de milagres — que anuncia e antecipa a vinda de Maomé. Nesse sentido, a própria profecia de Jesus é ressignificada no Islã como um elo da corrente profética que aponta para o "selo dos profetas". Além disso, tudo no universo islâmico — os profetas anteriores, os acontecimentos históricos, a própria criação — é compreendido como anunciando e confirmando a mensagem do Alcorão. A profecia é, portanto, mantida viva não pela abertura de novas revelações, mas pela constante proclamação, recitação e vivência da revelação corânica, que se apresenta como a palavra definitiva e preservada de Deus.

O islamismo entende que Deus jamais deixou a humanidade sem orientação, enviando sucessivos mensageiros que reafirmam a mesma mensagem fundamental de monoteísmo e submissão à vontade divina. Assim, a profecia no Islã não representa uma ruptura com tradições anteriores, mas a reafirmação e a correção da revelação originalmente transmitida aos povos.

A teologia islâmica rejeita veementemente a divindade de Jesus, considerando-a uma corrupção da mensagem original. Como observa Esposito (2005, p. 21), na tradição islâmica Maomé ocupa o lugar de "selo da profecia" (Khatam an-Nabiyyin), expressão que indica o encerramento definitivo da cadeia profética iniciada nos tempos primordiais, consolidando a revelação final no Alcorão. F.E. Peters destaca que Maomé é descrito como um homem "de carne e osso", inserido na história, que não realizou milagres sobrenaturais para provar sua autoridade — o milagre supremo é o próprio texto do Alcorão. Não haverá outro profeta após Maomé; a orientação agora reside no Livro e na Sunna (tradição) do Profeta (PETERS, 2007).

Schimmel (1999, p. 133) em um artigo sobre Muhammad, demonstra uma característica e usual deturpação do conceito de profeta por razões sectárias:

Os alemães esvaziaram o conceito 'Profeta' do seu sentido, e, em seguida, afirmaram que Maomé foi um profeta. Assim escreveu Aloys Sprenger; há mais de um século, na sua obra famosa sobre Maomé. [...] A compreensão, ou melhor, a incompreensão do papel do Profeta do islamismo tem uma longa história no Ocidente cristão — uma história que Hans Haas, no seu opúsculo *A imagem de Maomé*, publicado em 1916, retrata perfeitamente. E, por acaso, seria possível — assim indagava o mundo cristão da Alta Idade Média — que, após a revelação de Jesus Cristo, alguém ainda pudesse ter a ousadia de apresentar-se como o mensageiro de uma Revelação?

2.4 Análise comparativa: quadro sinótico

A partir da análise apresentada nas seções anteriores, é possível identificar tanto elementos comuns quanto diferenças significativas na compreensão do fenômeno profético nas tradições semíticas. Embora Judaísmo, Cristianismo e Islamismo compartilhem a ideia de que Deus se comunica com a humanidade por meio de mensageiros escolhidos, cada uma dessas religiões desenvolveu interpretações próprias acerca da natureza, da função e do papel histórico do profeta. Com o objetivo de sintetizar essas convergências e divergências de forma comparativa, apresenta-se a tabela a seguir.

Tabela 01 - Quadro sinótico comparativo

Características	Judaísmo	Cristianismo	Islamismo
Profeta Principal	Moisés (Legislador)	Jesus (Messias/Deus)	Maomé (Selo dos Profetas)
Status de Jesus	Falso messias ou irrelevante	Filho de Deus, Divino	Profeta importante, humano
Natureza do Profeta	Humano, falível (exceto na Torá)	Jesus é Divino; outros são carismáticos	Humano, protegido do erro (Ismah)
Fim da Profecia	Encerrou-se no período persa	Revelação plena em Cristo; dons continuam (varia)	Encerrou-se definitivamente com Maomé
Função Principal	Ética, retorno à Lei	Salvação, Encarnação, realização do Messias	Aviso, Submissão ao Deus Único
Dimensão Temporal da Profecia	Retrospectiva — parte do passado (Aliança/Torá)	Cumprimento do passado; proclamação do Messias presente	Lastro no passado; tudo anuncia o Corão

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

A comparação entre as tradições semíticas revela que, embora compartilhem uma mesma matriz monoteísta e uma estrutura semelhante de revelação divina mediada por profetas, cada tradição desenvolveu compreensões distintas acerca do papel e da autoridade dessas figuras. Como observa Peters (2007), as três religiões reconhecem uma continuidade histórica na revelação divina, mas divergem profundamente quanto à interpretação da identidade dos profetas e ao encerramento do ciclo profético.

Em suma, embora as três tradições compartilhem a estrutura de "Deus fala através de homens", elas divergem radicalmente sobre a identidade desses homens e o ponto final da revelação. Nenhuma delas, contudo, em suas formas ortodoxas clássicas, concebe o profeta como um empresário da fé ou um realizador de milagres on-demand, característica marcante do fenômeno neopentecostal que analisaremos a seguir.

3. PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL

O Brasil, historicamente católico, transformou-se nas últimas décadas em um dos maiores países pentecostais do mundo. Para compreender a emergência de figuras como Miguel Oliveira, é necessário mapear o terreno onde elas florescem: o neopentecostalismo brasileiro. Este capítulo apresenta um panorama do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, destacando os principais momentos de sua formação histórica, suas características teológicas e os fatores sociológicos que contribuíram para sua expansão.

3.1. As três ondas pentecostais no Brasil

A sociologia da religião classifica a expansão evangélica no Brasil em três "ondas" distintas, classificação consagrada em obras fundamentais de autores como Paul Freston (1993) e Ricardo Mariano (2005). A Primeira Onda (Pentecostalismo Clássico) inicia-se em meados de 1910 com a chegada da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus.

Caracterizava-se pela ênfase no "Batismo no Espírito Santo", glossolalia (falar em línguas) e um forte ascetismo moral ("usos e costumes"), com rejeição ao "mundo" e às músicas seculares.

A Segunda Onda (Pentecostalismo de Cura ou Deuteropentecostalismo) surge a partir de 1951, com destaque para a Igreja do Evangelho Quadrangular — fundada internacionalmente em 1923 nos Estados Unidos pela evangelista Aimee Semple McPherson e que chegou ao Brasil em 15 de novembro de 1951, em São João da Boa Vista (SP), pelos missionários Harold Williams e Jesus Hermínio Vasquez —, além de O Brasil para Cristo e Deus é Amor. O foco desloca-se para a cura divina e a evangelização em massa, utilizando o rádio, TV e tendas itinerantes. Começa aqui a influência das igrejas fora dos templos, contudo, ainda mantendo seu rigor moral, conforme apontam Freston (1993) e Mariano (2005).

A Terceira Onda, objeto central deste estudo, emerge no final dos anos 1970 com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e Bola de Neve. Esta onda rompe com o ascetismo tradicional e introduz a Teologia da Prosperidade e a Batalha Espiritual como eixos centrais. Por isso, tamanho tal distanciamento das duas primeiras ondas, um novo pentecostalismo parece nascer em território brasileiro, é o que chamamos de NeoPentecostalismo.

3.2. Neopentecostalismo e Cristianismo Popular: definição e características

Antes de prosseguir, cabe justificar a adoção do termo "neopentecostalismo" ao longo desta pesquisa. O conceito, amplamente consagrado na sociologia da religião, é utilizado aqui na acepção de Ricardo Mariano (2005) e Paul Freston (1993), que o empregam para designar a terceira onda do movimento pentecostal, caracterizada por uma ruptura teológica, litúrgica e ética em relação ao pentecostalismo clássico. A escolha do termo, em detrimento de outras denominações como "neopentecostalismo tardio" ou "protestantismo de prosperidade", justifica-se por sua ampla aceitação acadêmica e por sua capacidade de capturar as especificidades do fenômeno brasileiro, distinguindo-o das formas mais tradicionais do protestantismo e do pentecostalismo histórico.

O neopentecostalismo distingue-se por uma teologia pragmática. O sofrimento não é mais visto como prova pedagógica, mas como ação demoníaca ou falta de fé. A "Teologia da Prosperidade" estabelece uma relação contratual com o divino: a fidelidade financeira do crente (dízimos e ofertas) obriga Deus a abençoá-lo materialmente. O exorcismo deixa de ser um evento raro para se tornar uma liturgia diária de "descarrego".

Outra característica marcante é o mimetismo empresarial. As igrejas adotam estruturas corporativas, marketing agressivo e uso intensivo de mídia (TV, rádio e, agora, internet). A linguagem sagrada funde-se com a linguagem do mercado: "campanha", "investimento", "vitória", "conquista".

Quando eu utilizo o termo "cristianismo popular", eu estou me referindo a um tipo de expressão religiosa que emerge diretamente do povo, fora das estruturas teológicas e institucionais mais tradicionais. Esse "popular" não significa apenas quantidade, mas principalmente forma de construção da fé. É um cristianismo mais acessível, mais imediato, que dialoga diretamente com as necessidades cotidianas das pessoas — como saúde, finanças, conflitos familiares. Então, sim, existe acessibilidade, principalmente porque esse modelo religioso utiliza uma linguagem simples, emocional e direta, além de ferramentas como redes sociais, que ampliam muito o alcance. Mas ao mesmo tempo, o meu trabalho mostra que essa acessibilidade vem acompanhada de uma simplificação teológica, onde a profundidade doutrinária muitas vezes é substituída por respostas rápidas e pragmáticas.

É relevante observar que diversas características elencadas para o profetismo contemporâneo não são exclusivas do campo religioso. A gestão de imagem, a captação de recursos, a fidelização de um público e a validação pela audiência são dinâmicas igualmente

presentes no mundo dos negócios, do entretenimento e do marketing. Essa convergência não é acidental: o profetismo moderno está inserido na mesma lógica do mercado e da sociedade contemporânea. Como sugere Weber (2004), o processo de racionalização que caracteriza a modernidade penetra também nas esferas do sagrado, submetendo-as à lógica instrumental. O "profeta neopentecostal" opera, portanto, dentro de um enquadramento sociológico que é simultaneamente religioso e empresarial: ele administra uma marca pessoal, gerencia seguidores como clientes e organiza sua "unção" como um serviço prestado no mercado da fé — o que o aproxima, funcionalmente, de figuras como o coach motivacional, o influenciador digital e o empreendedor de sucesso.

O distanciamento dessa terceira onda foi tão grande do movimento pentecostal tradicional, que os estudiosos cunharam o termo Neopentecostalismo para designar um movimento com raízes ligadas ao pentecostalismo, mas que se distanciou profundamente em termos éticos, litúrgicos e doutrinários.

3.3. Fatores sociológicos do crescimento neopentecostal

O crescimento vertiginoso desse segmento explica-se por fatores estruturais da sociedade brasileira. A urbanização acelerada e desordenada jogou milhões de pessoas nas periferias das grandes cidades, rompendo laços comunitários tradicionais. Nesse vácuo, as igrejas neopentecostais ofereceram não apenas amparo espiritual, mas redes de solidariedade e uma promessa de ascensão social rápida em meio à crise econômica perene.

Autores como Campos (1997) e Shaul (1999) apontam que o neopentecostalismo funciona como um "pronto-socorro espiritual". A demanda por soluções imediatas para problemas concretos (desemprego, alcoolismo, doenças, dívidas) encontra eco em uma liturgia que promete resolver tudo "aqui e agora", sem a necessidade de longos processos de conversão moral e formação doutrinária. Paul Freston (1993) observa que a força do pentecostalismo latino-americano reside justamente em sua capacidade de responder rapidamente às angústias cotidianas da população urbana empobrecida.

Essa dinâmica também pode ser compreendida dentro da lógica do mercado religioso, conforme argumenta Rodney Stark (2005): contextos de pluralismo religioso tendem a estimular organizações religiosas mais dinâmicas e adaptáveis às demandas dos fiéis, favorecendo movimentos com forte capacidade de mobilização simbólica e emocional.

3.4. Profecia e mercado religioso

Nesse ambiente de alta competitividade — o que Elcio Bernardino Correia (2014, p. 75) chama de "profetismo de demanda" —, surge a figura do profeta autônomo. Ao contrário do sistema denominacional antigo, onde o pastor era validado por anos de seminário e serviço, o mercado religioso atual valida o líder pela sua capacidade de atrair público e gerar receita. Cria-se um "livre mercado" da fé, onde o consumidor religioso transita entre igrejas buscando o milagre mais rápido ou a profecia mais impactante.

Correia (2014, p. 66) traça um paralelo contundente entre os falsos profetas denunciados por Miqueias no Antigo Testamento — que profetizavam paz para quem lhes pagava e guerra contra quem não pagava — e os pregadores contemporâneos que moldam sua mensagem ao "bolso do cliente". A profecia torna-se um produto, e o fiel, um cliente a ser fidelizado ou, ao menos, monetizado.

4. O CASO MIGUEL OLIVEIRA: PROFECIA, MÍDIA E CONTROVÉRSIA

Este capítulo analisa o caso de Miguel Oliveira como exemplo contemporâneo da relação entre profecia, mídia digital e mercado religioso no contexto do neopentecostalismo brasileiro. Partindo das discussões teóricas anteriores sobre o crescimento do neopentecostalismo e a lógica do campo religioso competitivo, busca-se compreender como novas lideranças religiosas emergem fora das estruturas eclesiais tradicionais, especialmente através das redes sociais. O fenômeno "Miguel" não será tratado apenas como um caso isolado, mas como um sintoma de transformações mais amplas na forma como autoridade religiosa e visibilidade pública são construídas na era digital.

4.1. Quem é Miguel Oliveira?

Miguel Oliveira nasceu em Carapicuíba, na Região Metropolitana de São Paulo, onde está sediada a Igreja Assembleia de Deus Avivamento Profético, denominação à qual está vinculado. Trata-se de uma pequena denominação neopentecostal sem ligação institucional com as Assembleias de Deus tradicionais pentecostais. No início de 2025, quando os primeiros vídeos viralizaram nas redes sociais, Miguel tinha 14 anos de idade; atualmente conta com 15 anos.

Sua trajetória pessoal, conforme relatada por ele próprio e divulgada amplamente na mídia, apresenta a estrutura típica das hagiografias populares neopentecostais: teria nascido com deficiências auditiva e de fala (surdez e mudez), tendo sido curado milagrosamente aos três anos de idade. A partir dessa experiência, relata ter dado início ao seu "ministério" profético ainda na infância. Para acompanhar sua crescente agenda de eventos religiosos em diversas cidades do Brasil, o adolescente passou a estudar em regime de ensino a distância (EAD), o que posteriormente seria apontado pelo Conselho Tutelar como fator de evasão escolar. Sua fama explodiu não pelos canais tradicionais da igreja, mas pela viralização de recortes de seus cultos nas redes sociais (Instagram, TikTok e YouTube), onde acumula mais de 1,3 milhão de seguidores.¹

4.2. Práticas e discurso de Miguel Oliveira

O estilo de Miguel é marcado pela teatralidade e agressividade retórica. Em vídeos que circulam amplamente, o adolescente aparece vestindo terno e gravata, adotando uma postura corporal e vocal que mimetiza pregadores adultos neopentecostais. Seu discurso foca na realização de revelações e milagres, com frases de efeito performáticas como: "Eu rasgo o câncer, eu filtro o teu sangue e eu curo a leucemia".

Um dos episódios mais emblemáticos envolve o ato de rasgar papéis que simbolizariam laudos médicos de doenças terminais, declarando a cura do paciente diante das câmeras. Essa performance vem frequentemente acompanhada de apelos financeiros explícitos. Em uma de suas pregações, Miguel pede que quatro pessoas subam ao altar para doar R\$ 1.000,00 cada, associando a velocidade da doação à velocidade do milagre: "A velocidade com que você vem é a velocidade com que o milagre será realizado".

¹ Canal do YouTube: <https://www.youtube.com/@oficialmigueloliveira> – Acesso em 13/01/2026;
Instagram: <https://www.instagram.com/migueloliveiraoficial0/> - Acesso em 13/01/2026

4.3. Reações e controvérsias

A ascensão de Miguel gerou uma cisma no meio evangélico. Líderes da "velha guarda" pentecostal, como Silas Malafaia, criticaram duramente o garoto, chamando-o de "farsa" e questionando a exploração infantil e a falta de base bíblica. A comunidade evangélica ortodoxa, pentecostal clássica e reformada rejeita suas práticas, considerando-as heréticas e emocionalmente manipuladoras.

Por outro lado, o fenômeno atraiu a atenção do Estado. O Conselho Tutelar de Carapicuíba interveio drasticamente, emitindo uma ordem judicial que proíbe Miguel de pregar, viajar para eventos e utilizar as redes sociais para fins religiosos. A justificativa baseia-se na proteção integral da criança e do adolescente (ECA)², visando resguardá-lo da exposição vexatória, da exploração do trabalho infantil e da evasão escolar — principal causa do processo movido pelo conselho tutelar.

4.4. Miguel Oliveira e a nova profecia digital

O caso inaugura uma nova fase: a profecia digital desinstitucionalizada. Diferente dos bispos da TV dos anos 90, que precisavam comprar horários caros em emissoras, Miguel construiu sua autoridade diretamente com o público via algoritmo. As redes sociais tornaram-se seu púlpito, permitindo que ele ultrapassasse a hierarquia eclesiástica tradicional. Contudo, essa mesma exposição sem filtros o colocou na mira das autoridades civis e expôs as fragilidades teológicas de um movimento baseado exclusivamente na performance e na emoção, segundo as próprias igrejas evangélicas de tradição pentecostal.³

Para acompanhar a atuação do adolescente, ver seus perfis oficiais nas redes sociais (embora alguns tenham sido suspensos por ordem judicial até a produção deste trabalho): Instagram (@migueloliveiraprofeta), TikTok (@migueloliveiraoficial).

² O contexto jurídico desta intervenção ganhou novo reforço com a entrada em vigor, em 17 de março de 2026, do Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (ECA Digital), instituído pela Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025. O ECA Digital dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais, obrigando plataformas a adotarem mecanismos de verificação de idade, controle parental e remoção imediata de conteúdos que configurem abuso ou exploração. Entre suas disposições, proíbe o perfilamento de menores para fins publicitários e estabelece sanções às empresas que descumprirem as normas protetivas. A legislação representa um avanço significativo na regulação da presença de menores nas redes sociais e, no contexto do caso de Miguel Oliveira, amplia o arcabouço jurídico disponível para a proteção de crianças e adolescentes que exercem atividades de natureza religiosa ou de entretenimento no ambiente digital (SENADO FEDERAL, 2026; BRASIL, 2025).

³ Dados biográficos complementares obtidos em: ITATIAIA. Miguel Oliveira: quem é o pastor mirim, de 15 anos, que diz curar doenças. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/brasil/miguel-oliveira-quem-e-o-pastor-mirim-de-15-anos-que-diz-curar-doencas/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

5. ANÁLISE COMPARATIVA: TRADIÇÃO PROFÉTICA VS. PROFETISMO POPULAR CONTEMPORÂNEO

Ao confrontarmos os dados teológicos das partes anteriores com o estudo de caso de Miguel Oliveira, emergem contrastes profundos que delineiam a ressignificação do conceito de profeta no Brasil contemporâneo.

5.1. Legitimação, autoridade e conteúdo da mensagem

Nas tradições semíticas clássicas, a legitimação do profeta era externa (chamado divino confirmável) e comunitária (reconhecimento pela coerência com a revelação anterior). No Judaísmo, o profeta que contradissesse a Torá era rejeitado. No caso de Miguel Oliveira e do neopentecostalismo popular, a legitimação é performática e quantitativa. A autoridade não vem do conhecimento da Escritura ou da vida piedosa, mas do número de visualizações, likes e da capacidade de produzir o espetáculo do milagre. A "unção" é medida pelo engajamento.

A mensagem dos profetas bíblicos era predominantemente teocêntrica e ética: "Arrependei-vos", "praticai a justiça", "amparai o órfão e a viúva". Era uma mensagem desconfortável, que frequentemente levava o profeta à perseguição. A mensagem de Miguel é antropocêntrica e terapêutica: "Receba a cura", "seja próspero", "vença seus inimigos". O foco sai da justiça de Deus para o bem-estar imediato do homem. Onde o profeta Amós denunciava a exploração dos pobres, o profetismo popular atual muitas vezes explora a esperança dos pobres através de pedidos de ofertas vultosas.

5.2. Função, propósito e relação com poder e dinheiro

O profeta clássico visava a preservação da Aliança e a correção moral da nação a longo prazo. O profeta digital contemporâneo atende a demandas de curto prazo, funcionando como um prestador de serviços espirituais. Como nota Correia, há uma transição do profeta como "boca de Deus" para o profeta como "adivinho de aluguel". A função de Miguel rasgando laudos não é ensinar teologia, mas oferecer uma solução mágica para o medo da morte.

A gratuidade era uma marca do verdadeiro profetismo ("de graça recebestes, de graça dai"). No profetismo clássico, o profeta Eliseu recusou os presentes de Naamã após curá-lo da lepra. No neopentecostalismo popular brasileiro, a monetização da profecia é explícita: o milagre é condicionado à oferta, e a relação com o dinheiro deixa de ser um meio de sustento para se tornar o próprio motor do culto.

5.3. Regulação e controle

Historicamente, a comunidade religiosa exercia o controle sobre os profetas (teste da profecia). Hoje, no livre mercado religioso brasileiro alavancado pela tecnologia, esse controle interno colapsou. Qualquer indivíduo pode abrir uma conta no Instagram e se declarar profeta. Diante desse vácuo de regulação eclesial, o Estado (via Conselho Tutelar e Ministério Público) acaba intervindo, criando um choque inédito entre a esfera secular de proteção social e a liberdade de culto.

6. IMPACTOS E DESAFIOS DA RESSIGNIFICAÇÃO PROFÉTICA NO BRASIL

A transformação do profeta em influenciador digital gera impactos profundos na cultura e na sociedade brasileira.

6.1. Impactos na cultura religiosa brasileira

Estamos assistindo a um processo de fragmentação — uma espécie de "uberização" da fé. A autoridade das denominações históricas e até das grandes corporações neopentecostais está sendo corroída por pregadores autônomos. Isso gera um ambiente de instabilidade doutrinária, onde o sincretismo e as heresias proliferam sem freios. A religião torna-se consumo, e o fiel, um consumidor volúvel.

6.2. Desafios teológicos, sociais e jurídicos

Para as igrejas protestantes históricas do Brasil, o desafio é imenso: como competir com o espetáculo sem se vender a ele?

O caso em tela expõe a vulnerabilidade de crianças e adolescentes no ambiente religioso. O Estado brasileiro enfrenta o desafio de proteger os menores sem ferir a laicidade e a liberdade religiosa. Onde termina a liberdade de culto e começa o abuso infantil ou o charlatanismo? A responsabilização jurídica por promessas de cura fraudulentas que levam ao abandono de tratamentos médicos é uma fronteira que o Direito Brasileiro ainda enfrenta de forma incipiente — e não apenas com igrejas, mas com inúmeros movimentos religiosos que, em suas práticas, contêm algum tipo de abuso.

6.3. Era digital e futuro do fenômeno profético

A partir desses dados, percebo que futuro aponta para uma democratização radical do púlpito, mas também para uma superficialidade crescente. A expansão das tecnologias digitais transformou profundamente as formas de produção, circulação e consumo de informação. Segundo Manuel Castells (2003), as relações sociais, econômicas e culturais passam a ser cada vez mais mediadas por sistemas digitais de comunicação. Nesse contexto, as plataformas digitais ampliam as possibilidades de expressão da fé, mas também favorecem uma lógica de visibilidade baseada na velocidade e no impacto emocional das mensagens, em detrimento de discursos teologicamente densos.

Dessa forma, o fenômeno analisado neste trabalho — exemplificado pelo caso de Miguel Oliveira — pode ser compreendido como parte de um processo mais amplo de transformação da religião na era digital.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida neste trabalho permite concluir que a compreensão do papel do profeta sofreu uma ressignificação radical ao transitar das matrizes semíticas para o neopentecostalismo popular brasileiro contemporâneo. O estudo comparativo demonstrou que, enquanto no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo o profeta é uma figura centrada na ética, na revelação da vontade divina normativa e na gratuidade do serviço, no cenário neopentecostal atual, exemplificado pelo caso Miguel Oliveira, o profeta é ressignificado como um agente de milagres pragmáticos, inserido na lógica do espetáculo e do mercado.

Respondendo ao problema de pesquisa, identifica-se que as compreensões originais contrastam com a prática atual principalmente nos eixos da finalidade (ética vs. terapêutica), da legitimação (divina/comunitária vs. midiática/numérica) e da economia (serviço vs. comércio). A influência das matrizes originais aparece de forma residual e fragmentada, servindo mais como um verniz vocabular ("profeta", "unção", "milagre") para legitimar práticas que, em essência, se assemelham mais à magia simpática e ao coaching motivacional do que à profecia bíblica.

O caso de Miguel Oliveira é paradigmático pois condensa todas as tensões dessa nova era: a força das redes sociais, a ausência de regulação teológica, a monetização da fé e o conflito com o Estado.

Uma questão que emerge desta análise e merece reflexão é a seguinte: o profeta pode ser compreendido como uma figura religiosa que concede autoridade religiosa à sua própria denominação? O caso de Miguel Oliveira sugere uma resposta afirmativa. A visibilidade midiática e o carisma do adolescente beneficiam diretamente a pequena Assembleia de Deus Avivamento Profético, denominação até então sem expressão nacional, conferindo-lhe legitimidade e projeção que ela jamais alcançaria por seus próprios meios institucionais. Nesse sentido, o profeta não apenas representa sua denominação: ele a constitui, na medida em que sua "unção" percebida é transferida para a instituição que o abriga. Esse mecanismo inverte a lógica tradicional — em que a denominação legitimava o profeta — e cria uma nova dinâmica onde o profeta individual é o capital simbólico da organização religiosa. Para as Ciências das Religiões, essa inversão aponta para transformações profundas nas formas de autoridade e legitimação no campo religioso contemporâneo, merecendo investigações futuras mais aprofundadas.

Acrescenta-se ainda que este estudo contribui para o campo dos estudos da religião ao evidenciar como categorias teológicas tradicionais sofrem profundas ressignificações quando inseridas em contextos sociais e midiáticos distintos daqueles em que foram originalmente formuladas. Ao analisar comparativamente as tradições semíticas e confrontá-las com práticas religiosas contemporâneas, o trabalho busca oferecer ferramentas analíticas que auxiliem pesquisadores, estudantes e líderes religiosos na compreensão crítica do fenômeno profético em sua dimensão histórica, teológica e sociológica.

Por fim, é imprescindível reiterar que este trabalho, desenvolvido no âmbito das Ciências das Religiões, não tem como pretensão avaliar, corrigir ou normatizar formas messiânicas ou proféticas de expressão religiosa. O campo das Ciências das Religiões adota uma perspectiva metodologicamente e academicamente neutra em relação ao objeto estudado.

Assim, ao analisar o profetismo neopentecostal popular, não se busca discernir quais manifestações são "verdadeiras" ou "falsas" do ponto de vista do cientista religioso, nem estabelecer hierarquias entre tradições religiosas. O que se propõe é compreender essas manifestações como fenômenos históricos, sociais e discursivos, contribuindo para o entendimento das dinâmicas do campo religioso brasileiro contemporâneo e ouvindo o que eles mesmos compreendem sobre cada tipo de fenômeno.

Espera-se que esta investigação estimule novos estudos sobre a relação entre religião, mídia digital e mercado religioso, especialmente no contexto das igrejas neopentecostais brasileiras. A rápida transformação do ambiente comunicacional, marcada pela ascensão das redes sociais como espaços de construção de autoridade e legitimidade religiosa, indica que fenômenos semelhantes ao analisado tendem a se multiplicar nas próximas décadas, exigindo análises cada vez mais interdisciplinares que integrem perspectivas da teologia, da sociologia da religião e dos estudos da comunicação.

E porque esse tema é tão relevante para o Curso de Ciências das Religiões? Explico para finalizar em três pontos:

- 1• Analisa a Mutação do Sagrado: Você pega um conceito milenar (o profeta) fundado no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo e prova como as religiões não são estáticas; elas se adaptam e sofrem mutações de acordo com o ambiente sociológico ao redor delas.
- 2• Aborda o Mercado Religioso: O seu estudo mapeia perfeitamente como o Brasil contemporâneo transformou o campo religioso num "mercado de bens simbólicos". Onde antes havia a autoridade da Igreja ou da Torá, hoje existe a "validação algorítmica". Estudar a relação entre religião, mídia e mercado de consumo é um dos pilares modernos das Ciências das Religiões.
- 3• Toca nas Tensões da Laicidade: Ao trazer o conflito entre o Conselho Tutelar (ECA) e a liberdade de culto, você entra num debate fundamental do curso: como o Estado laico lida com manifestações religiosas que cruzam a fronteira do entretenimento e da vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Maomé: uma biografia do profeta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRASIL. Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025. Dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/L15211.htm. Acesso em: 20 mar. 2026.
- BZ NOTÍCIAS. Ascensão e polêmicas de Miguel Oliveira: o garoto de 14 anos que se afirma profeta e conquista seguidores. Disponível em: <https://bznoticias.com.br/miguel-oliveira>. Acesso em: 01 jan. 2026.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CÉSAR, Waldo; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COCKSWORTH, Christopher. **Santo, santo, santo: o culto ao Deus trinitário**. São Paulo: Loyola, 2004.
- CORREIA, Élcio Bernardino. Teologia e Mercado, paralelos presentes entre o falso profetismo no livro de Miqueias e o movimento neopentecostal brasileiro. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 8, n. 14, p. 64-93, jul./dez. 2014.
- ESPOSITO, John L. **Islam: o caminho de Alá**. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- FOLHA DE S.PAULO. Igreja evangélica defende proteção à família mas ataca pastor mirim. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/05/igreja-evangelica-defende-familia-mas-ataca-pastor-mirim.shtml>. Acesso em: 03 mar. 2026.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ISTOÉ. Quem é o pastor mirim que ficou famoso nas redes sociais e foi proibido de pregar. Disponível em: <https://istoe.com.br/quem-e-o-pastor-mirim-que-ficou-famoso-nas-redes-sociais-e-foi-proibido-de-pregar>. Acesso em: 20 fev. 2026.
- ITATIAIA. Miguel Oliveira: quem é o pastor mirim, de 15 anos, que diz curar doenças. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/brasil/miguel-oliveira-quem-e-o-pastor-mirim-de-15-anos-que-diz-curar-doencas/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PETERS, F. E. **Os Monoteístas**: Judeus, Cristãos e Muçulmanos em Conflito e Competição. Volume 1: Os Povos de Deus. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHIMMEL, Annemarie. E Muhammad é seu profeta. In: ARMSTRONG, Karen et al. **Os grandes livros da sabedoria espiritual**. São Paulo: Editora Globo, 1999.

SENADO FEDERAL. ECA Digital, para proteção on-line de crianças e adolescentes, entra em vigor. Brasília, 17 mar. 2026. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2026/03/17/eca-digital-para-protecao-on-line-de-criancas-e-adolescentes-entra-em-vigor>. Acesso em: 20 mar. 2026.

STARK, Rodney. **O crescimento do Cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. São Paulo: Paulinas, 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.